



SENTIMENTOS E REFLEXÕES MOBILIZADAS NO PROCESSO DE APRENDER A SER UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Ingridy Maria Mirandola dos Santos
Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD
ingridymirandola@gmail.com
0000-0002-7107-3712

Matheus Ávila Rechinelli Leal
Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD
matheusrechinelli@outlook.com
0000-0002-5931-6291

Ana Eduarda Proença Afonso
Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD
Anaeduarda_pa@outlook.com
0000-0002-5438-1959

RESUMO

O Subprojeto de Matemática do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ofereceu-nos a oportunidade de participar do desenvolvimento de oficinas em escolas públicas desde o início de nossa formação. Por um lado, essas experiências têm nos permitido conhecer melhor os alunos e levar em conta suas diferenças no planejamento de estratégias de ensino de Matemática. Em outra dimensão, como pibidianos, apesar de realizarmos algumas atividades docentes, ainda somos graduandos, cursando a primeira metade da Licenciatura, já tendo que lidar com as responsabilidades que essas atividades exigem. Assim, além de retratar as experiências mais marcantes ao se inserir na rotina escolar, o texto procura explicitar os sentimentos e reflexões mobilizadas no processo de aprender a ser um professor de Matemática na fase inicial de formação docente. Nosso primeiro passo no PIBID, no contexto da universidade, foi de aprendizagem e criação de vínculos com os demais bolsistas, aprendendo como se posicionar como um professor, e revendo alguns conteúdos à luz de metodologias de ensino de Matemática. Apesar de termos nos preparado, quando finalmente chegou o dia de irmos para as escolas, muitos sentimentos emergiram ao mesmo tempo: medo, ansiedade, insegurança e desconforto – por estar chegando num novo ambiente para conhecer a equipe escolar. Contudo, após alguns minutos na escola, com o suporte da supervisora, já nos sentíamos mais à vontade, os professores e todos os demais colaboradores da escola foram muito receptivos e atenciosos, o que tornou tudo mais fácil. Na próxima reunião na escola, iríamos implementar a primeira oficina com os alunos, novamente, o emaranhado de sentimentos como medo e ansiedade voltaram a nos afligir, acrescentando ainda a vulnerabilidade que sentíamos por não conhecer os alunos com os quais assumiríamos o papel

de “professores de Matemática”. Várias questões nos inquietavam, será que conseguiremos responder as perguntas dos alunos? Será que conseguiremos ensinar o que precisam? Com o passar das oficinas, fomos percebendo que somos capazes de lidar com nossos medos e anseios. Essa autoconfiança foi desenvolvida com o contato com os alunos, reconhecendo que, tais sentimentos, também estavam presentes na vida escolar deles. Por se considerarem incapazes diante da Matemática, muitos alunos ficavam ansiosos e não conseguiam iniciar as atividades. O fato do aluno obter, com frequência, resultados negativos com a Matemática “é um fator que os leva, cada vez mais, a terem certa aversão a essa disciplina, desenvolvendo dificuldades ainda maiores com o passar dos anos escolares” (PACHECO; ANDREIS, 2018, p.106). Essas primeiras experiências como “professor” conhecendo as dificuldades dos seus alunos, ajudou-nos a perceber as suas singularidades e nesse processo, compreender a nós mesmos. Em ambos os casos, a ansiedade gerada por determinadas situações ligadas ao medo do desconhecido ou pela frustração pode atrapalhar a aprendizagem. Todavia, tanto no âmbito escolar quanto universitário, a influência desses sentimentos e o quanto eles podem ser paralisantes não tem sido uma questão de destaque. Assim, consideramos que a formação inicial precisa tratar de assuntos como esses ditos no texto: como o medo, crises de ansiedades, através de discussões em espaços, como o que encontramos nas reuniões do PIBID, em que podemos falar mais abertamente de nossos limites emocionais, quando o assunto são os sentimentos que mobilizamos na nossa iniciação à docência.

REFERÊNCIA

PACHECO, M. B.; ANDREIS G. S. L. Dificuldades de aprendizagem em Matemática: percepção de professores e estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Divulgação científica e tecnológica do IFPB, **Revista Principia**, João Pessoa, n. 38, p 105-119, 2018.